O ENSINO DA LEITURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

ALESSANDRA STEIN AMORIM DIAS

RESUMO

A aprendizagem da leitura é muito importante e por isso para se obter sucesso em seu aprendizado o aluno precisa primeiramente querer aprender a ler. Esta disposição pode ser refletida nas formas de expectativas, interesses, motivação, compreensão e participação do aluno. Para se desenvolver a leitura é preciso que o aluno tenha a possibilidade de chegar à capacidade de aprender a ler, considerando que pode aprender lendo. Isso pode ser discutidos, uma vez que têm dificultado a participação de muitos alunos nas atividades escolares, no convívio social dentro e fora da escola, impedindo que muitos possam "assumir a palavra". Com isso pretendemos debater o papel da escola em relação ao preconceito linguístico, que muitas vezes levamos ao desprestígio da oralidade e impede que a leitura seja acessível ao aluno. Enfocaremos como a escola deve trabalhar com as variedades linguísticas e ajudar o desenvolvimento da leitura.

Palavras-Chave: Sucesso, Aprendizagem, Leitura.

INTRODUÇÃO

A alfabetização não pode ser reduzida a uma tecnologia ou técnica de leitura e de escrita. Ser uma pessoa letrada não significa ser alfabetizada. O termo alfabetização não perdeu sua força significativa diante da emergência dos novos usos da língua escrita, como argumentam alguns. O termo letramento tem sido utilizado atualmente por alguns estudiosos para designar o processo de desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita nas práticas profissionais e sociais.

A escola precisa desenvolver competência linguística. Na verdade, quis dizer até aqui o seguinte: a escola precisa devolver à criança a competência lingüística e metalingüística, a fim de desenvolver a capacidade do educando de ler para aprender, de escrever para aprender, de aprender a aprender. Revelar que a língua é histórica, que seu alfabeto tem origem grega, tem influência hebraica, tem marcas dos signos egípcios, por exemplo, é de extrema importância para o conhecimento das letras para decodificação, primeira etapa da leitura proficiente. A história das letras do alfabeto devem fundamentar o ensino na fase Infantil, e Fundamental. Desta forma, tão logo responsáveis ou mestres notarão o modo que a criança escreve. E também que alguns erros podem advir de lateralidade.

Referimo-nos a uma pedagogia de ensinar coisas simples. Ensinar bem é ensinar com simplicidade, com objetividade. Contudo, a Linguísticas, se dá, pela explicação e descrição claras dos fenômenos da linguagem. Cite-se como exemplo o, “p “e “b”, uma vez que são parecidos, porém, a grafia de um desce(p), e de outro, sobe(b). Subir e descer.

Descer e subir. Espaço. Lateralidade. Fácil para os adultos. Difícil para as crianças.è uma letra que se parece com outra, mas, na escrita produz som distinto. Os professores estudaram os fatos da língua. Aos nove anos de idade é possível que o educando não assimile tais informações linguísticas de forma eficiente. Ás vezes pode haver uma deficiência de percepção espacial, de lateralidade. Pode ser, pois, uma deficiência cognitiva.

O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE ESCOLAR

Ensinar a falar é tão importante quanto ensinar a ler e escrever. Ao entrar na escola, os alunos já sabem se expressar oralmente na língua materna e podem se comunicar sem grandes dificuldades nas diferentes situações do dia-a-dia. Porém é comum acreditar que desenvolvimento da capacidade de expressão oral seja atribuição da família. Afinal as primeiras palavras são ditas em casa, diferente das primeiras letras, que são tratadas na sua maioria de vezes na escola.

Para desenvolver a oralidade sem corrigir a fala do aluno, é importante conhecer as diferenças culturais presentes na língua. Para que o aluno seja capaz de fazer de fazer um comunicado para os colegas da classe é preciso que ele esteja desinibido e que tenha o discurso preparado.

Com isso a educação necessita de profissionais que façam coisas porque sabem como se faz, mas que também tenha vontade de ensinar o aluno a superar problemas por si mesmo. O trágico da situação atual é que muitos educadores e muitas escolas querem fazer isso, mas continuam pensando com critérios do século passado, impedindo as mudanças. As escolas agem como se não existissem os meios de comunicação.

É muito fácil dizer que cada um precisa construir sua aprendizagem, porque muitos estudos mostram isso. Mas, para ter uma abordagem construtivista, é necessário colocar a disposição dos estudantes estímulos de diversos tipos, tempos diferentes, oportunidades de pesquisar.

Os trabalhos de expressão oral são vistos com maior importância que leituras de textos em voz alta. Eles incluem o incentivo à manifestação espontânea e freqüente dos

alunos em qualquer disciplina. As atividades vão de situações simples, como sua disposição para ouvir e permitir que crianças e jovens exponham suas idéias. Depois é preciso criar ações didáticas que possibilitem experiências significativas da comunicação pela fala.

Crianças e jovens precisam aprender a falar em público e a defender idéias e direitos. Essas habilidades não podem ficar de fora do ensino da língua. Ensinar a falar é tão importante quanto ensinar a ler e escrever.

Ao ingressar na escola, os alunos já sabem se expressar oralmente na língua materna e podem se comunicar sem grandes dificuldades nas diferentes situações do dia-a-dia. Mesmo os alunos pequenos devem saber que procurar um emprego, defender direitos e opiniões em público, realizar entrevistas, debates e seminários são ações que exigem uma construção gramatical diferente. Por isso, um bom currículo escolar promove o acesso a usos de linguagem mais apurados e convencionais. Mas é comum acreditar que o desenvolvimento da capacidade de expressão oral seja atribuição da família.

Afinal, as primeiras palavras são ditas em casa, diferente das primeiras letras que são traçadas, na maioria das vezes, na escola. É necessário valorizar a fala, caso contrário reclamações sobre a incapacidade dos jovens de se comunicar, sobre o abuso de gírias e a falta de vocabulário será cada vez mais comum, afirma Maria José Nóbrega, consultora de Língua Portuguesa.

Desenvolver a oralidade não significa corrigir a fala dos alunos, reconheça as diferenças culturais presentes na língua. Para um aluno ser capaz de fazer um comunicado para os colegas de classe é preciso que esteja desinibido e que tenha o discurso preparado.

Trabalhos de expressão oral são muito mais que leitura de textos em voz alta. Eles incluem o incentivo à manifestação espontânea e freqüente dos alunos em qualquer disciplina. As atividades partem de situações simples, como a sua disposição para ouvir e permitir que crianças e jovens exponham suas idéias. Depois é preciso criar ações didáticas que possibilitem experiências significativas da comunicação pela fala. O grande objetivo da linguagem é a interação. A comunicação com o outro, dentro de um espaço social, que organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns aos membros de determinadas comunidades lingüísticas. Nas práticas sociais, o homem cria a linguagem verbal, a fala.

A linguagem verbal é um dos meios que o homem possui para representar, organizar e transmitir de forma específica o pensamento.

A comunicação deve ser entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente. No parecer do CNE, destaca-se a questão da formação ética, estética e política na linguagem vista como formadora de valores sociais e culturais.

O TRABALHO ESCOLAR COM A LEITURA

Fazem-se necessário esclarecer que a crise da leitura retrata a crise da escola, da sociedade econômica, crises estas que contêm a formação dos alunos. Diante desse quadro, cabe-nos, como educadores, primeiramente sabermos respeitar os alunos, reconhecendo, inicialmente, o fato de este ter uma história a contar. Restanos deixar sua história fluir, fazendo com que ele seja capaz de interagir com outras linguagens.

Considerando tais idéias, foram realizadas experiências que levaram a descobrir novas possibilidades de trabalho com a criação de textos, incluindo o poético. No intuito de entender o processo que leva o aluno a escrever e partindo desse pressuposto de que toda pessoa alfabetizada, sem disfunções psicológicas e disposta a aprender, pode vir a redigir bem desenvolvemos várias experiências, permitindo uma reflexão acerca do que valorizarem nas produções dos alunos. Este então passou a considerar os erros de forma diferente e a classificá-los também de formas diferentes: terminologia, concordância, pontuação.

A partir desse trabalho é que se conseguiu fazer com que o aluno entendesse que existe um leitor do seu texto e que a escrita deve preencher a distância entre a pessoa que escreve e a pessoa que lê o trabalho, exigindo assim do aluno cuidados de organização na escrita.

Estas observações privilegiam um ensino mais flexível, ao mesmo tempo em que existe uma proposta que dirige e organiza, abrindo ao aluno possibilidades de escolha e criação, indagação e reformulação.

Em 1977, foram desenvolvidas, em escolas públicas certas experiências com a linguagem, mudando a sua relação com os alunos, por via de texto, e no esforço de teorizar a prática pedagógica juntamente com outros colegas. Vários encontros de professores realizados, a partir de 1979, pela Associação de Professores de Língua Portuguesa permitiram a formação de diversos grupos de trabalho no intuito de refletirem sobre a prática que desenvolviam em suas escolas, reformulando, assim, propostas que fugissem a certas concepções padronizadas, costumeiramente fornecidas pelos livros didáticos.

A partir então, do trabalho desenvolvido por estes grupos é que nasceu o projeto de "Formação do Educador em Serviço", cujo público de referência era composto por professores, basicamente, do ensino fundamental de escolas carentes. Diante disso, fez-se

possível:

Colocar em prática um trabalho que atingiu grande contingente de alunos da rede oficial de ensino; Conhecer mais fundo a realidade de professores e alunos da periferia, permitindo o amadurecimento de uma proposta, visando à sensibilização para a leitura e produção de textos e superação de modelos didáticos ultrapassados; Aprofundar a leitura de textos literários e não-literários, especialmente levantando estudos críticos da literatura infantil, assim como trabalhos relacionados ao ensino da língua e literatura; Experimentar propostas com produção e leitura de texto, tanto as já existentes quanto as procuradas levar o termo.

Como desenvolvimento deste projeto, o grupo de Formação Permanente encaminhou um projeto Integrado de Pesquisa que se prolongou de 1992 a 1998 que tinha por finalidade o estudo da circulação dos textos na escola de ensino médio e fundamental, cujos resultados vêm sendo publicados pela Coleção Ensinar e Aprender Textos.

AS FINALIDADES FUNDAMENTAIS DA LEITURA

O enfoque da Psicolinguística, ramo concorrente da Psicologia Cognitiva e da Lingüística Aplicada, julgam a capacidade de ler é tarefa árdua, compreendendo nela diversos processos e níveis cognitivo linguísticos, os quais começam com a captura visual e seu fim se dá na decodificação do mesmo e sua compreensão. Cito, desta forma, meios básicos, e elevados da capacidade leitora.

Os primeiros denominados de nível inferior. Tendo por fim reconhecer e compreender as palavras.

Nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura, se faz mister o processo básico.Tendo em vista evitar deficiências, sobretudo até a quarta série, pois se houver neste caminho alguma dificuldade neste sentido, será comprometedor nos processos superiores de compreensão leitora.

Processos perceptivos e processos lexicais ocorrem por meio deda decodificação. Os processos perceptivos referem-se à percepção visual. Esta disponibiliza a compreensão acerca de coisas, lugares e eventos do mundo visível. Logo, esse entendimento esta atrelada a idéia de memorização de longo prazo e a cognição.

É por meio dessa consciência que vai se construindo um leitor, especialmente por meio deda sua percepção visual.

Aprendemos a ler com o poder do olhar. Ao nos engajarmos na leitura, fixamos, inicialmente, nossa olhada nos símbolos impressos, isto é, nas palavras e nas menores unidades contrastivas num sistema de escrita. Ademais precisamos ler o que vem implícito nas linhas, ou seja, as entrelinhas.

O que não está explícito no texto.

A VALORIZAÇÃO DA PRÁTICA DA LEITURA

A melhor maneira de propiciar aos alunos uma facilidade da leitura seria o de criar mini-bibliotecas em cada sala de aula para melhorar o acesso aos livros, que estarão mais próximos de suas atividades. Organizar sessões de leitura livre, no qual cada aluno explica o que leu para o resto da sala.

Desta forma aprende-se com a experiência do outro e muitas vezes o aluno se sente motivado a ler um livro a partir da descrição do colega. Dando um status próprio à atividade de leitura no planejamento escolar, se possível reservando uma aula por semana para a prática de leitura.

Permitir que os alunos selecionassem suas leituras, é uma maneira de incentivar o gosto pessoal na escolha de um livro, um gesto que ele repetirá futuramente, quando tornar-se um consumidor de livros.

Valorizando a leitura de revistas e jornais, o aluno entrará em contato com diversos registros de escrita aceitos socialmente além de acumular informações sobre o bairro, a cidade, o país e o mundo. Mas é importante que a leitura de jornais tenha periodicidade, não adianta fazer essa atividade uma vez por mês, pois os alunos não compreenderão o contexto dos dias anteriores.

O mais importante, neste momento, é que eles desenvolvam o hábito pela leitura. O gosto por ela virá com o tempo. Mas questionamos ainda:

A atual prática do ensino está a favor ou contra a democratização escolar? A seqüência que define essa democratização do ensino é permanência do educando na escola e a conseqüente terminalidade escolar, no qual o aluno que teve acesso à escola deve ter a possibilidade de permanecer nela até o nível da terminalidade significativa, tanto do ponto de vista individual quanto social.

A educação é por natureza o lugar da construção de uma arquitetura de valores de um projeto harmonizador de motivações e interesses individuais e coletivos. Essa democratização implica em primeiro ligar o acesso à educação escolar, significando na sociedade moderna e civilização urbana a garantia do atendimento às necessidades de escolarização de todo cidadão, pois desde os atos mais simples à participação dos bens culturais, da vida econômica à profissional há necessidade da escolarização.

O erro construtivo significa considerar que o conhecimento produzido pelo educando num dado momento de sua experiência

de vida é um conhecimento em processo de superação. A criança e o jovem aprimoram sua forma de pensar o mundo à medida que se depara com novas situações, novos desafios e formulam e reformulam suas hipóteses. Dentro do processo ensino aprendizagem, quando avaliamos, exercemos um ato político, pois devemos ter em mente que estamos formando cidadão críticos.

É o professor que reflete sobre a produção de conhecimento do aluno, promovendo o movimento, favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes, junto com os alunos. O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então ao invés de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse posse fixa do professor o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objetivo.

A mesma preocupação que motivou-nos a optar pelo tema de nossa monografia, levou-nos a pesquisar outras maneiras e formas de ensinar, pautada em uma prática pedagógica mais atual, que acompanha a evolução social. Então precisamos mudar essa concepção para que esse quadro se reverta em benefícios mútuos que, consequentemente beneficiaria a sociedade como um todo.

Nosso maior desafio é contribuir para transformar a educação nas escolas, objetivando o real processo do aluno, auxiliando-o na compreensão de suas dificuldades em relação à realização de tarefas, dificuldades essas que os levam a demonstrar lacunas em sua aprendizagem.

Acreditamos assim estar contribuindo para que os colegas educadores busquem o grande desafio de aprender a aprender para poderem ensinar bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de ler é um processo abrangente e complexo. É um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem. A sua capacidade simbólica é de interação com o outro pela mediação da palavra.

Nesse sentido, a recepção de um texto nunca poderá ser entendida como um ato passivo, pois quem escreve o que faz pressupondo o outro, o leitor, quer seja ele empírico, real ou virtual. Se um texto é marcado por sua incomplenitude e só se completa no ato da leitura; se o leitor é aquele que vai fazer funcionar o texto, na medida em que o opera por meio deda leitura, o ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

Ao contrario, para essa concepção de leitura o leitor é um elemento ativo no processo. Um texto bem formado traz em seu bojo, desde um momento inicial de sua concepção e produção, uma preocupação com o seu destinatário. Então, podemos afirmar que o leitor se institui no texto em duas instancias:

No nível pragmático o texto enquanto objeto veiculação de uma mensagem está atento em relação ao seu destinatário, mobilizando estratégias que tornem possíveis e facilitem a comunicação. Nessa perspectiva, o outro na figura do destinatário, se instala no próprio movimento de produção de texto na medida em que o autor orienta sua fala tendo em vista o público alvo selecionado. Cabe ao leitor mobilizar seu universo de conhecimento para dar sentido, resgatar essa interdiscursividade, a fonte enunciativa desses outros recursos que atravessa o texto;

No nível linguístico semântico, o texto é uma potencialidade significativa, que se atualiza no ato da leitura, levado o efeito por um leitor instituído no próprio texto, capaz de reconstruir o universo representado a partir das indicações, pistas gramaticais, que lhe são fornecidas. É o movimento da leitura, o trabalho de elaboração de sentidos que da concretude ao texto.

REFERÊNCIAS

DURANTE, M. Alfabetização de Adultos: Leitura e Produção de Textos: Porto Alegre: Artmed, 1998.

FERREIRO, E. – Alfabetização e Cultura Escrita. Revista Nova Escola, São Paulo, Maio 2003.

FERREIRO, E. Com Todas as Letras. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAMBERT, J. A Criança, o Professor e a Leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LAJOLO, M. Do Mundo da Leitura. São Paulo: Ática, 1999.

MARCHESI, A.; MARTINS, E. Qualidade do Ensino em Tempos de Mudança. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PERRENOUD, P. Pedagogia Diferenciada: Das Intenções à Ação. Porto Alegre:

Artmed, 2000.

PERRENOUD, P. Construir as Competências desde a Escola. Porto Alegre:

Artmed, 1999.

VYGOTSKY, L. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.